

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Annô..... 45000 réis.

Numero pago á entrega. . . 5090 »

N.º 37 — VOL. III.

Sabbado 17 de Setembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno... 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Oliver Goldsmith, conclusão — Ruínas de Cesarea na Palestina — Os dois bakales, conclusão — Os Blockhaus — Arzeh, continuação — Reinado de D. Afonso VI — O desconhecido — O amor e o dever, continuação — Os teus olhos — Sonetos.
GRAVURAS — Os blockhaus — Ruínas de Cesarea na Palestina — Planta do collegio modelo.

Historia da actualidade.

Effectivamente partiram para as aguas de Marrocos as corvetas a vapor *D. Estephania* e *Bartholomeu Dias*, fazendo nas alturas do Algarve junção com o vapor *Argus*. A viagem durou quarenta horas.

— O vapor monstro *Great Eastern*, que o governo inglez comprou á companhia que o começou a construir, e que é o maior barco conhecido, já fez a sua primeira viagem de experiencia, mas com a infelicidade de soffrer n'ella um sinistro. Foi na tarde de nove do corrente. Quando passava por defronte de Hastings, houve uma explosão nas caldeiras da frente, e em virtude d'ella não só ficou completamente destruida a mobilia do grande salão, e o gabinete da primeira coberta, como igualmente ficaram feridos treze fogueiros, dos quaes morreram dois, e outro se afogou deitando-se ao mar. Excepto a caldeira que rebentou, o navio e as machinas não soffreram mais prejuizo.

— Os habitantes de Turim apresentaram ao syndico uma exposição manifestando sentimentos de gratidão para com a França, e desejos de que se lhes permitta erigirem um monumento em Paris.

— Consta que de dia para dia cresce em Cantão a indisposição contra os alliados; parecendo que só continua em boas relações com a China o governo dos Estados-Unidos.

— O *Diario do Governo* publicou a reforma da secretaria d'estado dos negocios das justicas.

— A feira annual que n'este mez se costuma fazer no largo de Belem, tem sido este anno muito concorrida.

— Corre noticia de que o senhor Salamanca, a quem se adjudicou definitivamente o contracto dos caminhos de ferro ao Porto, e a Hespanha, vae crear em Lisboa um jornal politico.

— Em Candia tem havido grandes disturbios, e em virtude d'elles o respectivo governador deu a sua demissão.

— O sultão acaba de correr grave risco de vida, tendo ido a pique a lancha em que navegava,

em consequencia de um abaloamento com um vapor inglez. O capitão d'este vaso acha-se preso.

— O bey de Tunis acha-se gravemente enfermo.

— O governo francez ordenou para Argel concentração de forças na fronteira de Marrocos.

— Em Calcuttá houve um temporal que deu em resultado grandes sinistros.

— Os moiros continuam a reforçar-se em frente de Ceuta.

— O governo inglez, segundo se diz, pediu forças ao francez, para tomar na China terriveis represalias.

— As conferencias de Zurich, até á ultima data, nada haviam adiantado nos seus trabalhos.

— O marechal Pelissier foi a Madrid, e d'esta viagem se tira pretexto para adduzir combinações politicas.

— Em Murcia ha crise commercial, em consequencia da epidemia, e emigração de muitas pessoas, resultando d'isso a maior parte dos operarios estarem sem trabalho, e o protesto de muitas letras.

— O premio grande da loteria portugueza, extrahida esta semana, coube ao n.º 2224; e o immediato ao n.º 4926.

— A feira franca de Viseu tem sido muito concorrida.

— A produção d'arroz no districto de Coimbra, em o anno passado, subiu a oitocentos noventa e tres moios e quarenta e um alqueires, tendo-se lançado de semente á terra cincoenta e quatro moios e trinta e nove alqueires.

— A produção do mesmo genero no anno anterior, 1857, fôra de mil quatrocentos e seis moios e cincoenta e seis alqueires, tendo-se semeado cincoenta e tres moios e dez alqueires.

— Foi substituido o senhor Corte-Real, governador civil do districto da Guarda.

— Está resolvida a communicação da peninsula hespanhola e reino de Portugal, com as Antilhas, por via de um cabo electrico.

— As noticias do Japão dizem que estes povos se mostram muito obsequiosos para com os europeus.

— Escrevem de Roma que sua santidade tem peiorado no seu padecimento de gotta.

— Deviam trocar-se em Pekin as ratificações do tratado feito ultimamente com a China. Para este fim dirigiram-se ao seu destino os ministros francez e inglez, porém os chins tinham obstruido o rio em Pei-ho, e artilhado os fortes com peças de longo alcance, e romperam fogo sobre as

forças navas alliadas, do que resultou, ao cabo de um conflicto de quatro horas, serem mettidas a pique tres canhoneiros inglezas, ficando fora do combate quatrocentas setenta e oito praças. E este insulto que os alliados tratam agora de vingar.

— Foi agraciado com o titulo de conde de Caparica, o filho do senhor marquez de Vallada.

— As ultimas noticias da India são pouco satisfatorias para a Grã-Bretanha, pois n'aquella região os soldados desertam das fileiras.

— Formou-se em Londres uma commissão que se propõe promover uma subscrição em favor da Italia central.

Oliver Goldsmith.

ESTUDO BIOGRAPHICO POR MACAULAY.

Conclusão.

Goldsmith podia agora considerar-se um homem prospero; possuía os meios de viver com todas as commodidades, de uma maneira que para quem tinha tantas vezes passado as noites em palheiros e alpendres devia ser luxu. A sua reputação era grande e elevava-se constantemente. Vivia no que se podia chamar a melhor sociedade intellectual do reino; n'uma sociedade na qual nenhum talento, nenhuma prenda faltava, e aonde a arte de bem conversar era cultivada com o mais brilhante successo. Talvez nunca se reunissem quatro homens que de diferentes maneiras fossem tão agradaveis na conversação como Johnson, Burke, Beauclerk, e Garrick; e Goldsmith era intimo de todos quatro. Elle aspirava a partilhar a sua reputação eminente em conversar, mas nunca houve ambição mais infeliz. Deve parecer estranho que um homem que escrevia com tanta clareza, vivacidade e graça, quando tomava parte n'uma conversação fosse um ocioso e insignificante palrador. Mas sobre este assumpto a evidencia é incontestavel. Tão extraordinario era o contraste entre as obras de Goldsmith e as bernardices que dizia, que Horace Walpole o descreveu como um idiota inspirado. «Noll, disse Garrick, escreve como um anjo e falla como um papagaio.» Chamier declarou que era muito difficil acreditar que um tão parvo palrador podesse ter escripto o *Fraveller*. Até Boswell dizia com desdenhosa compaixão, que não desgostava de ouvir discorrer o honesto Goldsmith. «E' verdade, lhe respondeu Johnson, mas elle não havia de gostar de se ouvir a si proprio.» As intelligencias differem como os rios.

lia rios claros e transparentes cuja corrente convida a beber; a estes não se podem comparar homens como Burke e Johnson. Mas ha rios tambem de que as aguas quando primeiro se tiram são turvas e repugnantes mas que se tornam lucidas como o cristal e deliciosas ao gosto se as deixam tranquilas para depositar os sedimentos: um tal rio é o typo da intelligencia de Goldsmith. As suas primeiras idéas sobre qualquer assumpto eram confusas até o absurdo, mas necessitavam só de pouco tempo para se tornarem claras. Quando escrevia tinha esse tempo, por isso seus leitores o declararam um homem de talento; mas quando fallava, o que dizia não tinha senso commum e tornava-se irrisorio para os que o ouviam. Era para elle um grande pezar a sua inferioridade na conversação; e sentia profundamente cada uma das suas catastrophes, mas não tinha bastante juízo, e força de vontade para se conter. Os seus instinctos naturaes e a sua vaidade o impelliam constantemente a tentar fazer a unica coisa que não podia fazer. Depois de cada tentativa pela qual se expunha ao ridiculo, estorciava-se vexado e envergonhado, mas d'ahi a um momento começava de novo.

Os seus contemporaneos parece que o olhavam com uma bondosa indulgencia que apezar da admiração que tinham pelos seus escriptos, não era de todo destituida de despreso. Na verdade havia muito no seu caracter para o fazer amado, e muito pouco que o fizesse respeitar. Tinha um coração tão susceptível, que chegava a fraqueza; era tão generoso, que se esquecia de ser recto; perdoava tão facilmente qualquer injuria, que parecia convidal-as, era tão liberal para com os mendigos que nada lhe ficava com que satisfazer a sua conta no alfayate, nem no açougue. Era caridoso, sensível, frívolo, prodigo, e imprevidente. Tem sido accusado de um vicio de uma côr mais negra, o da inveja. Mas não ha motivo para se supor que esta paixão, ainda que muitas vezes o dominava e fazia soltar exclamações pouco generosas, o tivesse nunca impellido a atacar a reputação dos seus rivais por meios traiçoeiros. A verdade é, que elle não era mais invejoso, mas sim menos prudente, do que qualquer dos seus contemporaneos. Tinha o coração nos labios. Todos esses pequenos ciúmes, tão communs entre homens de letras, mas que um homem do mundo não demonstra, Goldsmith confessava-os com a candidez de uma criança. Quando sentia inveja em vez de affectar indifferença, ou condemnar com fraco elogio, ou de injuriar falsa e secretamente, dizia a todos o seu sentimento. «Não me falleis, peço-vos, de Johnson d'essa maneira,» disse elle uma vez a Bosuel «que me dilaceraes o peito! George Stevens, e Cumberland eram homens demasiadamente astutos para soltar uma phrase d'estas. Teriam dado elogios ao homem que invejavam, e depois mandariam para a imprensa libellos anonymos a seu respeito. Tanto o que havia de bom como de mau no caracter de Goldsmith, era para aquelles com quem se dava uma garantia segura de que elle nunca commetteria d'estas villanias.

Não tinha bastante malicia, nem bastante constancia para commetter qualquer acto offensivo que necessitasse de disfarce e calculo.

Goldsmith tem muita vez sido representado como um homem de genio e maltratado pelo mundo, e condemnado a lutar com difficuldades que pozeram termo á sua existencia. É verdade que soffreu crua miseria primeiro que tivesse produzido alguma obra de consideração litteraria. Mas depois que o seu nome appareceu na primeira pagina do *Traveller*, não devia senão a si accusar das difficuldades com que lutava. O termo medio do seu rendimento durante os ultimos sete annos da sua vida era de quatrocentas libras, e quatrocentas libras por anno n'aquelle tempo, equivalia a oitocentas libras no tempo presente. Um homem solteiro vivendo no Temple com quatrocentas libras por anno podia considerar-se rico. Não haveria um entre dez dos mancebos de illustres familias que ali estudavam que tivesse outro tanto. Mas toda a fortuna que lord Clive trouxe da India, e sir Innocence Dundas da Alemanha reunidas não bastariam a Goldsmith. Gastava o dobro do que possuia. Vestia-se com ex-

travagancia, dava jantares sumptuosos e subsidiava beldades venaes. Elle tinha prompto sempre, seja lembrado para honra do seu bom coração, ainda que não da sua cabeça, um guinéo, ou cinco, ou dez, conforme o estado da sua bolsa, para o primeiro caso de infortunio ou verdadeiro ou falso. Mas não era no vestuario, nem em banquetes nem em promiscuos amores, ou promiscuas caridades, que consistia a sua maior despeza. Fóra jogador desde a sua mocidade, e ao mesmo tempo o mais desvairado e infeliz dos jogadores. Algum tempo pôde demorar o dia de ruina inevitavel por temporarios expedientes, obtinha adiantamentos dos livreiros por obras que elle nunca chegou a começar. Mas por fim este recurso faltou-lhe. Devia mais de duas mil libras e não tinha nenhuma esperança de as poder pagar. A sua saude arruinou-se.

Foi atacado de uma febre nervosa que elle julgou poder tratar. Teria sido uma fortuna para elle, se a sua sciencia medica fosse tão bem avaliada por si como pelos outros. Não obstante o grau que elle pretendia ter alcançado em Padua, nunca pôde achar clinica. «Eu não costumeo praticar clinica,» disse elle um dia. E o men systema receitar só para os meus amigos. «Caro doutor,» lhe respondeu Beauclerk, mude de tactica e receite só para os seus inimigos. Goldsmith d'esta vez, em despeito d'este excellente conselho, receitou para si proprio. O remedio agravou o mal. O doente viu-se obrigado a recorrer a verdadeiros medicos, e elles n'uma occasião chegaram a persuadir-se que o tinham curado. Mas a sua debilidad e desassouço não o deixavam. Era-lhe impossivel dormir, nem tomar alimento. «É maior o seu incommodo,» disse-lhe um dos medicos que o tratava «do que deveria ser pelo grau de febre que tem. Está socegado de espirito?» «Não estou» foram as ultimas palavras que saíram dos labios de Oliver Goldsmith. Falleceu a 3 de Abril de 1774 com quarenta e seis annos d'idade. Foi enterrado no cemiterio do Temple, mas nenhuma inscripção marcava o lugar que hoje é esquecido. Seguiam o caixão Burke e Reynolds. E ambos estes grandes homens lamentaram-no sinceramente. Burke quando soube da morte de Goldsmith desatou a chorar, e Reynolds ficou tão commovido pela noticia que não pegou n'aquelle dia em pincel.

Pouco tempo depois da morte de Goldsmith appareceu um pequeno poema, que hade em quanto existir a nossa lingua, associar o nome dos seus illustres amigos com o seu. Já dissemos que elle sentia vivamente os sarcasmos, que lhe attrahia o seu fallar desaccertado. Foi pouco antes da sua ultima doenca conduzido a tirar uma desforra. E com prudencia recorreu á sua penna; e com esta arma era elle superior a todos os que o atacavam. Dentro de pequeno espaço esboçou com singular facilidade, e vigor, os caracteres de nove ou dez dos seus companheiros intimos. E ainda que esta pequena obra não foi retocada pelo autor, não pôde deixar de ser olhada como uma obra prima. Comtudo é impossivel deixar de desejar que quatro ou cinco retratos de pouco interesse para a posteridade, fossem supprimidos n'essa nobre galeria, substituindo em seus logares uns esboços de Johnson e Gibon, tão felizes e naturaes como os de Burke e Garrick.

Alguns amigos e admiradores de Goldsmith lhe fizeram um cenotaphio na igreja de Weshminster. Nollenkens foi o escultor, e Johnson escreveu-lhe o epitaphio. Lamentamos muito que Johnson não deixasse á posteridade uma memoria mais valiosa e duradoura do seu illustre amigo. Uma vida de Goldsmith seria um digno monumento a juntar á vida dos poetas (lives of the poets). Ninguem apreciava melhor as obras de Goldsmith do que Johnson, nem tinha maior conhecimento do seu caracter e costumes: e não havia outra pessoa que melhor podesse delinear com verdade e espirito as particularidades d'essa intelligencia aonde se achava reunido um grande engenho apar de grandes fraquezas: mas a lista dos poetas de que Johnson devia escrever a vida como introdução acabava em Lyllelton, que morreu em 1773. Parece que foi traçada uma linha de proposito para excluir o retrato da pessoa que melhor podia terminar a serie. Goldsmith comtudo

tem sido feliz com os seus biographos. Dentro em poucos annos a sua vida tem sido escripta por mr. Prior, mr. Washington Irving, e mr. Forster. O esmero de mr. Prior merece o maior louvor, o estilo de mr. Washington Irving agrada sempre; mas o primeiro lugar com justiça pertence á muito valiosa e interessante obra de mr. Forster.

LOPES DE MENDONÇA.

Ruinias de Cesarca, na Palestina.

A cidade de Cesarca, edificada por Herodes o Grande, sobre o rio da Palestina, era situada entre Dora e Apollonia. Dora erguia-se em uma especie de península junto ao monte Carmello; Apollonia junto de Samaria. Estas cidades, outr'ora tão floreccentes, já não existem; apenas algumas ruinas indicam o lugar de Cesarca. O viajante que, saindo de Constantinopola, costear o Mediterraneo, descobre entre a cidade d'Acre e a de Jaffa (antiga Joppé) algumas columnas, pilares esculpidos, massas confusas de soccos de marmore, arcos, e um grupo de pobres cabanas de pescadores — o mar arremeja a sua escuma sobre esta scena de desolação. E quanto resta d'esta opulenta cidade.

O historiador José deu uma descripção de Cesarca, que dá alta idéa da magnificencia de Herodes o Grande. Este gastou apenas doze annos para fazer levantar um templo, um theatro, um amphitheatro, grande numero d'outros edificios publicos, barreiras, um molhe, aqueductos, e para fazer um porto que era o mais bello, o melhor da Palestina e da Phénicia. A Europa forneceu os artistas mais celebres: architectos, pintores e esculptores; e foram postos á sua disposição os mais ricos materizes. Nenhuma outra cidade d'esta parte da Asia podia competir com Cesarca.

A nova cidade attrahiu pela sua situação e magnificencia grande numero de habitantes; Herodes e os governadores romanos fixaram ali a sua residencia: rivalisava com a capital da Judea. Herodes instituiu festas publicas que se celebravam todos os cinco annos em honra de Cesar, e da fundação da cidade. Foi em uma d'estas festas que morreu seu neto, chamado tambem Herodes. No capitulo 12.º do Acto dos Apostolos faz-se allusão a esta morte. Passou-se tambem em Cesarca outra scena celebre da historia christã. S. Paulo foi ali preso, e pronunciou muitos discursos diante do governador Felix, e de Agrippa: tendo appellado para Cesar, foi tirado da prisão e enviado a Roma.

Cesarca era ainda cidade importante no tempo das cruzadas.

Os dois bakales.

CONTO MUSULMANO.

Conclusão.

— *Tutundjibash*, porque é que a tua frente se inclina para a terra? É's digno de lastima ou incorreste na censura dos homens virtuosos?

Nadir encarou quem d'este modo lhe fallava. Era um mancebo, em cujo rosto brilhava um mau sorriso, que reflectia, mais do que alegria, uma expressão de colera ou rancor. Nadir estremeceu como se tivesse encontrado uma serpente, e respondeu:

— Conheces-me por ventura?

— Procurava-te.

— E que me queres?

— Quero fazer-te saber o que demasiado tempo tens ignorado, afim de que voltes depressa a tua casa.

— Devo encontrar ali a felicidade ou a desgraça?

— Sabel-o-has, se quizeres esperar-me n'este sitio até que o sol se tenha chegado mais ás ondas, onde todas as tardes submerge o seu ardente disco, depois de ter queimado o rosto aos desgraçados, que, com a orelha cravada á porta da sua loja, expiam a culpa de terem vendido as suas mercadorias mais caras do que deviam.

O novo interlocutor de Nadir voltou-lhe as costas, e em breve desapareceu.

Decidido a não faltar a duplo emprazamento que acabavam de fazer-lhe de tão estranho modo, Nadir procurou com a vista abrigo onde pudesse esperar o momento indicado. Distinguiu uma fonte, assombreada por um platano, no tronco do qual tinham enxertado um cypreste, de ramos sempre verdes, e cuja copa, erguendo-se para o ceo, parecia querer fugir dos braços do platano, retorcidos em todos os sentidos. Nadir foi sentar-se á borda da fonte, e immediatamente se entregou a profunda meditação. As suas recordações mostravam-lhe um como signal extinto da imagem d'aquelles homens. Debalde interrogava sobre tal ponto a sua memoria: esta apenas lhe dava respostas confusas.

De repente, a figura alternativamente desconsolada e irritada de Fatima, accusando-o de ter enganado, apresentou-se ao espirito de Nadir, que tremia, persuadido de que aquellos dois homens eram mensageiros de desgraça. Estes pensamentos foram interrompidos pelo canto do *muezzin*. Nadir fez as suas abluções, e recitou a terceira oração do dia. Quando concluiu, viu que chegavam ali, de dois pontos oppostos, o homem dos olhos que se dilatavam, e o personagem do mau sorriso. Ambos se acercaram ao mesmo tempo.

— *Tutundjibashi*, disse o primeiro; chegou o momento de saberes o successo que te diz respeito.

— Digno servidor do grã-visir, accrescentou o segundo, estou disposto a fallar-te.

— Ouvir-vos-hei.

— Hasde saber que poucos dias depois da tua partida, a formosa Fatima conheceu que seria mãe.

— E com effeito, deu-te um filho, accrescentou o outro.

— Deus é grande! exclamou Nadir com o coração trasbordando de jubilo. Deus vos proteja, a vós, que me annunciastes tão feliz nova. Quero que sejais recompensados; pedi-me alguma coisa que esteja em meu poder, e obtel-o-heis.

O homem, cujos olhos se assimilham aos do gato, começou a rir com riso diabolico, e accrescentou:

— *Tutundjibashi*, antes de regosijar-te, volta a tua casa.

O que se sorria de modo perverso disse-lhe:

— Feliz esposo da formosa Fatima, a unica graça que peço ao ceo, e a unica recompensa que de ti quero obter, é achar-me presente quando a ama de teu filho t'o apresentar pela primeira vez.

Os dois homens desapareceram antes que Nadir tivesse podido dirigir-lhes uma unica palavra.

O official immediatamente começou de apressar o seu regresso a Stambul. Viagou com extraordinaria rapidez. Por fim, quebrantado pelo cansaço e ardendo em impaciencia, chegou ao umbral da sua porta, pintada de roxo, para se distinguir da dos *rayas* ou filhos da conquista. Nem sequer pensou em entrar no *salem nick* (aposento dos homens), onde teria achado um pouco de repouso; mas dirigiu-se, sem demora, para o *kafes* (habitação das mulheres).

Fatima, vendo seu esposo, soltou um grito, e manifestou alegria misturada de temor e perturbação. Nadir pensara que no mesmo instante lhe fallaria de seu filho; mas não succedeu assim, pelo que, sem poder mais conter a sua impaciencia, disse a Fatima:

— Durante a minha viagem tive um sonho bem fagueiro, e que considerei como o reflexo de uma ditosa realidade.

— Qual foi?

— Parecia-me que ao entrar n'esta casa encontraria um filho, cujas caricias repartiríamos entre ambos.

Fatima empallideceu, e, com voz balbuciente, respondeu, lançando-se aos pés de seu esposo:

— Sim, tens um filho, e para castigar-me pelo haver dado á luz, talvez me retires o teu carinho, e me abandones entre as escravas despresadas. Ai! resignar-me-hei sem queixa, se não fizeres recuar sobre elle o peso da tua ira, e se por desdem não o banires para longe do teu coração.

— E como pode esse menino excitar a minha colera e o meu desdem?

— Sabel-o-has.

Fatima aproximou-se com precaução de um divan, onde estava um magnifico turbante.

— Endireita-te e olha, continuou ella.

— Eis ahi, disse Nadir, um formoso turbante... E' um presente que quizeste fazer-me? Muito bem; mas... e meu filho?

— Dorme ahi.

— N'este turbante, onde apenas cabe a minha cabeça?

— Sim.

O official avançou para o divan, e no fundo do turbante distinguiu a creatura mais pequena possible. Ainda que já tinha mais de um anno, era pouco maior que uma das mãos.

— Oh! é o filho de um anão, e não meu, exclamou Nadir cedendo ao primeiro movimento do despeito.... Não pode ter por mãe senão uma esposa criminosa. Que o lancem ao mar afim de servir de pasto aos peixes.

Fatima apoderou-se do menino para defendel-o. Nadir notou então que a creança tinha um vestido de *Haré-Diba*. De repente lembrou-se da mãe fé com que, em vez de uma peça, dera a Fatima nada mais que um pedaço da preciosa tela. Examinando o vestido, reconheceu que o pedaço de fazenda tinha sido só o sufficiente para fazel-o. Pouco a pouco o resentimento de Nadir se apagava ante a vergonha e o remorso.

Não seria castigo, por haver illudido uma promessa solemne com um falso raciocinio?

Nadir não o duvidou quando viu que o menino tinha o tamanho de um sagui, para o qual dissera brincando se podia fazer um vestido com o pedaço de *Haré-Diba*.

Uma forte gargalhada estrondeou fora. O official chegou-se a uma janella, levantou um pouco a rotula, e viu os dois homens de Smyrna.

— *Tutundjibashi*, disse um, a tua consciencia estava como os meus pães, e eu rio-me da tua dor como tu riste das pauladas que me davam nas plantas dos pés.

— Feliz esposo da formosa Fatima, disse o outro, a minha orelha cravada não excitou em ti mais que uma compaixão fingida e humilhante, e hoje que tens o coração despedaçado, desejo que todos te despresem.

Nadir chamou um escravo, e disse-lhe:

— Dêem uma *bolsa* a cada um dos dois *bakales*. Devia uma má acção, ante Deus, a cada um d'elles, e quero pagar-lhes.

E immediatamente, obedecendo ao primeiro impulso de amor paterno, tomou em seus braços o menino, a quem acariciou. ***

Os blockhaus.

A palavra alemã *blockhaus* significa *casa de madeira*. Este genero de construção foi empregado pela primeira vez em 1778, pelos prussianos na Silesia. Ha blockhaus de diversas formas mais ou menos complicadas, segundo a sua situação e destino, com um ou mais andares, ora cobertos de terra fazendo assim as funções de galeria ameaçada sobre o parapeito que os abriga, ora separados e solitarios.

O blockhaus de dois andares para infantaria foi adoptado na occasião da expedição d'Argel em 1830. A apparencia é a de uma massa quadrada, havendo um vacuo interior de quatro ou cinco metros, sobre dois e cincoenta centimetros, ou tres metros de alto, pouco mais ou menos, sobrepujada por outra massa igual, mais larga do que a primeira cerca de cincoenta centimetros, e terminada por um telhado igualmente de madeira.

As paredes d'esta especie de pequena cidadella são pranchões fixados por uma extremidade a uma longa peça commum chamada *palmilha* e pela outra a outra peça longitudinal chamada *chapeo*, unida á visinlia já do mesmo nome da maneira mais simples. Depois de construido conforme acabamos de dizer, faz-se-lhe por meio de peças entalhadas uma seteira, ou espaço vazio, pelo qual o defensor do blockhaus espera o inimigo.

A saída do andar superior para o inferior permite, mediante um alçapão que se abre, defender as avenidas do blockhaus, ou a tiros, ou com pedras e granadas de mão.

Penetra-se n'um blockhaus ou pelo *rez-de-chausée* que tem uma porta fechada com bons ferrolhos, ou pelo primeiro andar com a ajuda d'uma escada que se recolhe depois. Em todo o caso, esta comunicação com o exterior é praticada do lado opposto ao acampamento inimigo, por causa d'alguuma suspresa imprevisita.

Quando todas as peças d'um blockhaus como os em geral empregados na Africa, estão antecipadamente apparelhadas e numeradas, bastam para apromptal-o trinta e seis homens exercitados e oito horas de trabalho.

Em Africa ordinariamente os homens ficam em macas de acampamento no primeiro andar, e o *rez-de-chausée* é destinado para armazens de munições de guerra e de bocca. Para tornarem mais fortes estas construções, collocam-nas no centro d'um quadrado, e precedem-nas d'um fosso, cuja terra, amontoada em uma das orlas, forma um parapeito, que é o primeiro ponto d'apoio do defensor antes de se retirar para o blockhaus, e por consequente o primeiro obstaculo para o inimigo.

Estas construções, usadas ainda hoje em Argel pelos francezes, tem sido objecto de longo estudo, afim de serem aperfeiçoados, atenta a sua grande importancia. ***

Arzeb.

FABULA INDIANA.

Continuação.

— Poderoso Siva! prerompeu Arzeb, dando punhadas na frente, sobre a risca que distingue os sequazes d'esta divindade. Poderoso Siva! tu que has conhecido a humanidade, sob a tua forma de anão, dá-me uma boa inspiração sobre o emprego que darei ao meu tempo!

E levantou-se e viu do outro lado um delicioso e magnifico caramanchão, cujo tecto assentava sobre columnatas de sandalo, no qual retumbavam as vozes de sete formosas brahmanezas que cantavam o combate de Ravana e de Rama, acompanhadas por harmoniosos bandolins.

Chamaram-no estas pelo seu nome, e lhe fizeram signal para atravessar o rio; mas Arzeb reflectindo, concordou consigo mesmo, que perderia bastante tempo em atravessar o rio, e que depois teria de acabar a vida com sete brahmanezas, que prometiam muito, e não davam nada. Deixou-as. Mas encontrou logo adiante um jemidar que lhe disse: — «Arzeb, se tens fome e sede vem á minha cabana, lá embaixo, em frente da cascata d'Elora, e eu te servirei opiparos e exquisitos manjares, entre os quaes encontrarás o famoso presunto de urso do Labiata, e dar-te-hei a beber delicioso wampi... Que dizes?

— Tomar-me-has tu por um louco? persuades-te que vá perder assim o meu tempo a carregar a cabeça e atulhar o estomago? Ahi vae um pobre; deve ter fome; dá-lhe de comer em meu logar e recebe esta onça de ouro.

Dois saltimbancos, um cantor ambulante, e um *saradncarem*, acompanhados da sua viola, observando a prodigalidade de Arzeb, aproximaram-se d'elle, e pediram-lhe igual maquia, offerecendo-lhe em troca o cantar e dançar o celebre idyllio *Guita-Govinda*, sobre os amores de Krishná, o Apollo indio, e de Radhá.

Deu Arzeb a onça pedida aos pelotiqueiros, e respondeu-lhes que os amores de Krishná haviam fecundado a India, e que eram elles assaz extensos para serem escutados por um moribundo.

No entanto Arzeb não deixou de reconhecer que recusando tudo que lhe offereciam perdia muito mais do que accitando qualquer prazer; mas na espeeetativa da proxima morte, idea que n'elle dominava sobre todas as outras, ficou indeciso pelo que deveria optar.

A duodecima hora da sua segunda vida, já Arzeb estava aborrecido de viver, e irritado com a morte por não o levar d'este mundo.

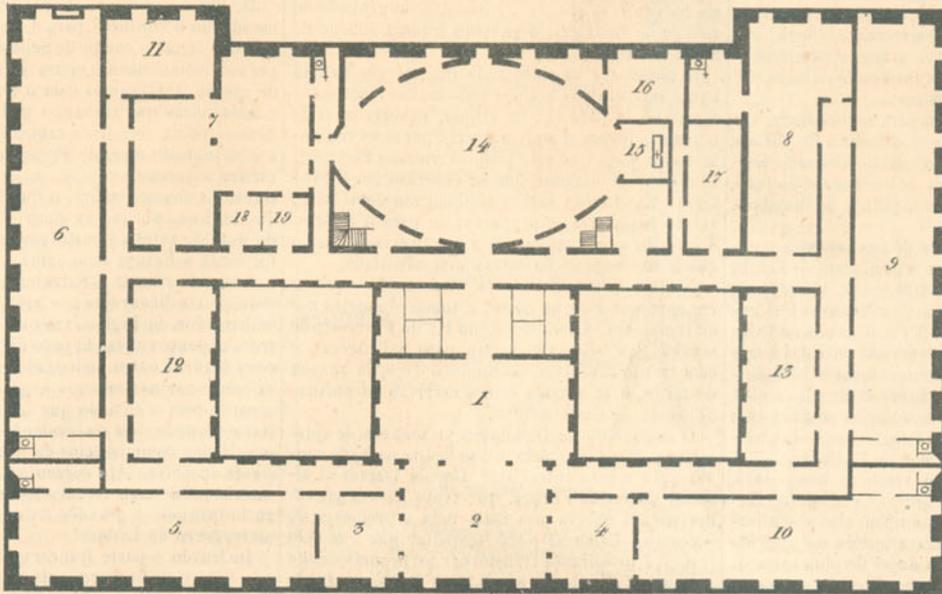
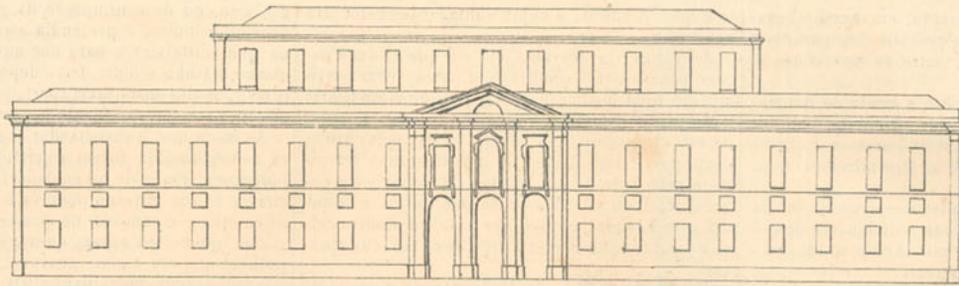
— Brahma! assim exclamou, com um prolongado abrimiento de bocca, como a vida é extensa e pesada. A fé que me não espanto de que dez vezes vos hajaes incarnado para matar o tempo.



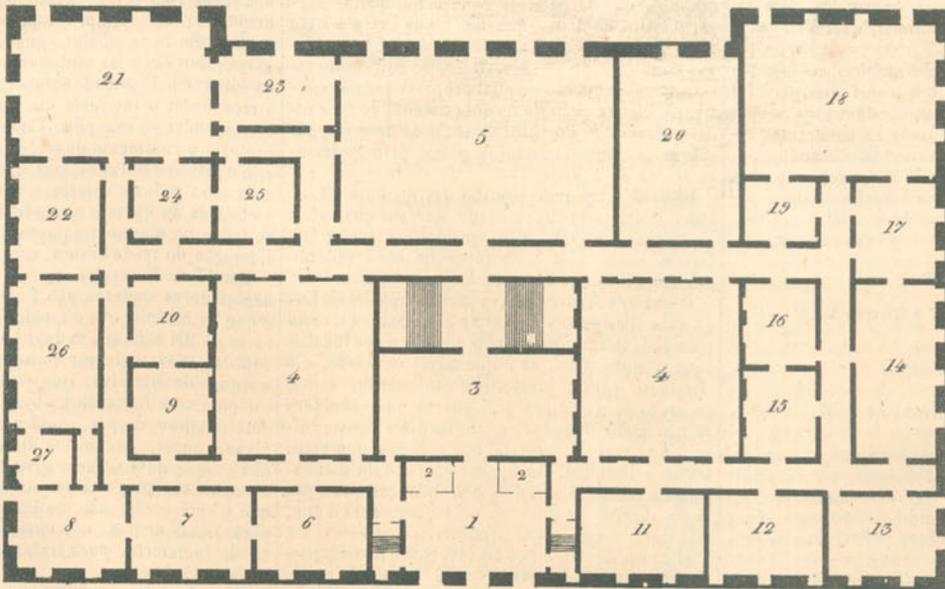
Ruínas de Cesaréa, na Palestina.



Um blokhaus, em Algeria.



- | | | | | | |
|-------------------|------------------|-----------------|--------------------|------------------|-----------------|
| 2 Sala da muzica. | 4 Sala. | 7 } Dormitorios | 10 Dormitorio. | 14 Sala d' Actos | 17 Arrecadação. |
| 1 } Salas. | 5 } Dormitorios. | 8 } Dormitorios | 11 Sala de banhos. | 15 Oratorio. | 18 } Quartos. |
| 3 } Salas. | 6 } Dormitorios. | 9 } Dormitorios | 12, 13 Salas. | 16 Sacristia. | 19 } Quartos. |



Planta do collegio modelo.

- | | | | | | |
|-------------------------------|-----------------|-----------------------------|----------------------|----------------------------|-----------------|
| 1 Vestibulo. | 5 Refeitório. | 9 } Aulas | 13 } Aulas | 17 Sala dos professores. | 21 Cozinha. |
| 2, 2, 2, 2 Quartos p'porteiro | 6 } Aulas | 10 } Aulas | 14 } Aulas | 18 Bibliotheca. | 22 Despensa. |
| 3 Salão | 7 } Aulas | 11 } Aulas | 15 } Aulas | 19 Arrecadação. | 23 Copa. |
| 4, 4 Pateos. | 8 } Aulas | 12 } Aulas | 16 Casa de continuo. | 20 Dormitorio de creados | 24 Arrecadação. |
| | 25 Arrecadação. | 26 Galleria d'instrumentos. | | 27 Laboratorio de shymica. | |

Ao terminar esta exclamação, era Arzeb chegado ao templo *Teu-Tauli*, o qual tem dois porticos e é olhado como maravilha, entre as maravilhas de Elora.

Assentou-se o ancião sobre a cauda de um macaco, a sombra do boi Nandy, formado todo de uma só pedra em uma carreira immensa de granito, e começou a mastigar negligentemente umas nozes de verdeselha.

Olhando obliquamente para o ceo, uma bem triste idea lhe acordou na mente; vinte horas de vida tinham de deslizar ainda para Arzeb, antes que o ferisse Yama, deus dos funeraes.

Enfadado com mais esta penosa lembrança, tomou o ancião a deliberação que tem por costume tomar aquelles a quem o aborrecimento mata: estendeu-se ao comprido sobre a areia e adormeceu. Durante as horas do somno foi Arzeb visitado por um esplendido e magnifico sonho.

Persuadiu-se elle ver, ou para melhor dizer, viu Roudra o deus da morte, que lhe abria de par em par a porta azul do famoso palacio chamado Kailaga, cujos porticos crivados de finissimas e deslumbrantes pedrarias dão para o jardim de Mendana todo povoado de sylphides.

Siva o mais poderoso dos deuses, chamou-o então de parte e lhe fallou n'este teor: — Arzeb, foste justo durante a tua vida; em galardão de tuas virtudes, nomeio-te rei das Maldivas! A entrada do golpho Arabico existem doze mil, e todas ellas tem grutas de perolas em cada uma das quaes se acha uma rainha, tão formosa qual a bella Latchmi a deusa do prazer. Estas doze mil rainhas serão tuas esposas, e d'esta maneira possuirás um harem, melhor e mais bem fornido que o do excellentissimo Sevadjy, o fundador do imperio Marhatta.

Durante o sonho desceu Arzeb do firmamento, em um escaler de ouro e safiras, e antes de chegar á região das nuvens obrigou elle o seu magnifico reino que similhava a doze mil conchas marinhas, fluctuando sobre flocos de plumagem de palmeira. Quando tocou o lume d'agua, affigurou-se-lhe que o oceano entoava um hymno celeste em honra sua, dividido em doze mil pequenos regatos, cujas superficies eram do mais perfeito azul de esmalte; e assim retalhado pelas Maldivas. Com a destreza de movimentos que dão os sonhos, Arzeb saltou com ligeireza de um para outro ilhote, vendo luzir a cada impeto, entre as folhas de palmeira, dois olhos negros, debaixo de ondulantes madeiras de cabello d'ebano, e engastados sobre um rosto cheio de doçura, e doirado, qual o da gentil Radhá.

Entre os muitos segredos mysteriosos que são propriedade dos sonhos, fazem-nos elles perder a percepção das horas, do tempo e do espaço; assim quando Arzeb despertou, tinha na mente uma como lembrança vaga e desvanecida, de muitos annos de felicidade, escaodos na aprazivel companhia d'estas doze mil rainhas, no golpho Arabico, sobre leitos de perolas, de ambar e coral.

Continúa.

H. VAN-DELTERS.

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

LIGA FRANCO-LUSITANA DE 1667.

As disposições que a Hespanha manifestava, depois da morte do seu rei Philipp IV, para concluir paz com Portugal, não agradaram a França, sobretudo porque não via probabilidade de tomar parte n'esses ajustes, e obter para si própria concessões.

A Inglaterra arvorando-se em medianeira da convenção, procurava adquirir ou augmentar a sua influencia moral na peninsula. A França, que de facto se via sem ella, empregava todos os meios claros e occultos para contraminar o esforço inglez, e triumphar nos conselhos de Portugal, principalmente avivando ou augmentando as rivalidades entre os dois povos vizinhos, querendo levarnos a desconfiar de todo o accordo com o governo de Madrid, dissuadir-nos de pazes, e excitar-nos a continuar uma guerra que já durava havia vin-

te e quatro annos, e cujas vantagens se esforçava por nos encarecer.

A França via desvantagem em que as duas nações peninsulares celebrassem pazes, sem participação nem mediação d'ella, porque assim ficaria a Hespanha mais livre para lhe resistir. no caso do rei christianissimo tentar haver pelas armas parte dos Paizes-Baixos, a que suppunha ter direito pelo lado de sua mulher. A vigiar esse negocio tendiam as embaixadas que Luiz XIV despedia para Lisboa; e quasi não tratavam d'outra coisa as instrucções secretas que dava aos seus agentes.

Em 31 de Janeiro de 1666 estando o rei então em Salvaterra, chegou a Lisboa, acompanhado do abbede de Bourzeis, o enviado francez abbede de Saint-Romain.

O secretario da embaixada ingleza em Madrid havia nos ultimos tempos feito muitas viagens secretas de lá para cá: na ultima, haveria coisa de um mez, levava d'aqui um passaporte ao seu embaixador para que elle proprio viesse a Portugal. Era esse embaixador que se esperava em Salvaterra. Em Lisboa estava tambem um enviado do rei de Inglaterra, e preparava-se para ir á corte. A opinião commum queria a paz, e cria-se mesmo que a sua negociação estava mui adiantada.

N'estes termos o enviado francez deu-se pressa em apresentar-se na corte, e tomar dianteira aos de Inglaterra. Com effeito, no 1.º de Fevereiro de manhã Saint-Romain partiu para Salvaterra, e com vento favoravel, subindo o Tejo, lá chegou de tarde, e se avistou com o escriptivo da puridade conde de Castelmelhor.

O casamento de D. Affonso VI acabava de ajustar-se; sobre elle versou a primeira parte da conversação n'esta entrevista. Depois vieram as ofertas do rei de França, que tanto para a paz como para a guerra não fazia toda a promessa de soccorro. Como se podia suspeitar que a missão franceza procurasse transtornar as negociações de paz, usou ella desde o principio da espezteza de estender até essa hypothese a offerta de protecção da França, para assim obrigar tambem o governo portuguez a dar-lhe conta das propostas que a tal respeito os ministros inglezes fizessem.

O ministro portuguez não tinha ainda conhecimento dos termos das propostas que o embaixador inglez traria de Madrid, mas tinha o espirito inclinado á paz, a despeito das desconfianças e escrupulos que da parte da França lhe queria suggerir Saint-Romain, que não tinha outra missão mais que contradizer as proposições, e pretendidas condições do tratado. O conde entretanto estava resolute em não aceitar proposta que não contivesse claro e perfeito reconhecimento do rei e independencia de Portugal, e todas as demais seguranças que aquella situação pedia, principalmente ácerca da França.

Saint-Romain regressou no dia seguinte a Lisboa. Promettera-lhe o conde que em quatro ou cinco dias o avisaria para que a tornasse, e fallassem então com mais conhecimento e reflexo dos despachos que trouxera do seu governo.

O enviado francez estava porém impaciente. Logo dois dias depois de voltar a Lisboa, escrevia para Salvaterra provocando o conde a que lhe dissesse alguma coisa, se é que havia novidade, e o chamasse para a prometida conferencia, com o pretexto de que o navio de guerra que o trouxera se não podia demorar, e carecia dizer alguma coisa á sua corte a respeito dos negocios que viera tratar a Portugal. Na mesma occasião lhe mandava uma memoria sobre as desconfianças que a paz devia suscitar ao governo portuguez, obra d'elle, mas dada como de um particular.

O aviso do conde não tardou. Saint-Romain partiu logo para Salvaterra, onde, ao que parecia, encontrou a corte mui penhorada pelas ofertas que fizera em nome do rei de França, e mui escandalizada do embaixador de Inglaterra, que por toda a paz propunha uma tregoa de trinta annos, que era quanto a Inglaterra tinha podido tratar e conveniar com a Hespanha, pelo que tocava a Portugal.

Castelmelhor nem por isso parecia indignado: o que procurava era encontrar recursos para poder seguir as eventualidades de uma melhor ne-

gociação, ou da continuação da guerra. A França prometia muito, e pretendia estar mais habilitada que a Inglaterra para nos auxiliar. Allegava que se o tinha sempre feito depois da paz dos Pyreneos, muito mais faria agora, já com soccorros, já com diversões ás forças hespanholas.

As bases que o embaixador inglez offerencia para as negociações foram rejeitadas pelo governo portuguez. Pediu-se ao enviado francez que sollicitasse do seu governo poderes e instrucções para se entender commosco no proseguimento dos negocios, quer para a paz, quer para a guerra, hypothese que era a mais provavel, e pela qual já estavam ordens dadas para abrir nova campanha.

D. Affonso VI estava de partida para Almeirim, mandando o conselho para Lisboa, e não levando commigo senão o conde de Schomberg, que era esperado instantemente, para só se tratarem coisas de guerra. Instavamos com o francez pela polvora e mais coisas que tinhamos pedido, porque a sua demora podia retardar a campanha: pediamos que a isso juntasse o rei de França um soccorro de dinheiro, oitocentos contos, seiscentos contos, quatrocentos contos, enfim, o que o rei pedisse. Tudo era bom, porque os quatrocentos mil escudos do dote da rainha já estavam gastos na maior parte, como a França bem sabia.

Antes de chegar a Salvaterra, Schomberg pernottara em Beavente, e ainda ali encontrou o embaixador de Inglaterra, que devia partir dentro em poucos dias, ficando cá o enviado. Vinha para Madrid outro embaixador extraordinario para continuar nas mesmas negociações de paz, de accordo com o enviado que havia em Portugal. Ou fosse verdade, ou malevolencia franceza, a diligencia dos commissarios da tregoa não ficou limpa de suspeita. Até correu a voz de que para se interessarem mais na missão tinham recebido oiro hespanhol, e grandes letras de cambio sobre mercadores de Lisboa!

Inclinado á parte franceza, Schomberg velava por tudo o que occorria. Já compozera as suas relações com Castelmelhor, e não era o menos ouvido pelos enviados de França.

Luiz XIV queria tirar as consequencias do casamento do rei D. Affonso VI com a princeza de Aumale. Não lhe seria difficil, quando Castelmelhor se jactava de ter sido o unico que por si só pudera vencer as difficuldades que a esta alliança se tinham levantado: quando prometia pôr a rainha bem com o rei, auxiliando-a sobretudo no principio; mas sempre esperando que ella lhe pagasse em bons officios, quando a occasião chegasse. Taes eram os sentimentos de que a mandava inteirar pelo abbede Saint-Romain, excitando-a a reconhecer o interesse que tinha em ligar-se, e corresponder-se com elle. Tambem confessava que protegia o casamento de mademoiselle de Bouillon com o principe D. Pedro, mas ainda nada emprendera para reduzir o infante, e esperava primeiro a chegada de quem o rei de Inglaterra enviava para fallar no mesmo assumpto, que merecia a consideração do rei de França, em attenção a Turenne.

Em 17 de Fevereiro correu em Lisboa que os negociadores inglezes não tinham partido ainda, e que os conselheiros d'estado recebiam ordem para ir no dia seguinte ás duas horas a Villa Franca, onde se devia celebrar conselho. O conselheiro marquez de Marialva, que estava na sua casa de campo a uma legua de Lisboa, e não se mostrava mui deseioso da paz, confirmou o boato ao enviado francez, que n'este dia o visitou. Suppunha-se que dava origem á convocação do conselho alguma nova proposta dos ministros inglezes, inda que o embaixador não mostrasse nenhuns poderes para tratar de paz, e o enviado só os tivesse do rei de Inglaterra, para tratar em nome do rei catholico.

No mesmo dia em que o conselho se devia reunir em Villa Franca esperava-se em Lisboa o conde de Schomberg. Pouco antes chegara a Beavente um correio de Hespanha para o embaixador inglez, mas durante alguns dias nada transpirou do seu fim. Aquelle conselho, a principio convocado para Salvaterra, e depois para Villa Franca, seria de facto para discutir novas propostas com que a negociação se devia reabrir? Tornara a vinda do correio o empenho dos ingle-

zes? A verdade é, que ventilando-se n'esse conselho as conveniências de continuar a guerra, e a contingencia de sentar pazes com um monarcha de menor idade como era então o catholico, S-homberg fez ver isto a Castelmeihor, para que reconhecesse que o melhor partido a seguir era a campanha, que a França secundaria por sua parte; ao que o ministro portuguez respondeu que carecia do auxilio de tres milhoes de cruzados.

Continuua. JOSÉ DE TOARRES.

o desconhecido.

Conto mysterioso.

1

O ENCONTRO.

Il arrive un certain jour.

N'uma pequena cidade, pouco distante de Londres, vivia uma menina que se chamava Laura, e que era filha e herdeira de um honrado procurador; a sua leitura favorita era a dos romances, e por consequencia o curso habitual de seus pensamentos a dispunha para sentir a chama do amor.

Um dia em que ella passeava n'um bosque, observando com interesse a ternura das avezinhas, pensando quanto seria feliz se tivesse um verdadeiro coração que a amasse, quando de repente viu um mancebo encostado a uma arvore. Estava vestido elegantemente, porém o seu fado era em extremo largo para o seu corpo magro e delicado; a sua phys onomia pallida, apresentava o typo dos heroes de romance; os cabellos negros caíam-lhe em aneis sobre a fronte, tinha os olhos filhos no chão, e murmurava estas palavras:

— Fatal destino! horrivel pensamento! Posso-lhe porventura resistir? Não: seria indigno do nome que tenho! Ha mais de quatro seculos que os meus antepassados gosam d'este titulo de paes a filhos, sem que a sua linhagem fosse uma unica vez manchada!

O joven fidalgo afastou-se altivamente da arvore, e viu justamente diante de si miss Laura, que o olhava cheia de espanto, suppondo consigo mesma, que estava vendo pelo menos um lord-marchal, ou um falcocier-mór. O nosso mancebo parou, e a joven Laura fez outro tanto.

O joven fidalgo deu signaes de admiração e surpresa, e Laura suspirou.

— Encantadora creatura! disse o mancebo alongando o braço com um brusco movimento, como se quizesse dar um muro, em vez de praticar um gesto de cortezania.

Cheia do terror proprio de uma heroína, Laura recuou e soltou um grito quasi surdo.

— Hein! disse o mancebo tristemente, vós tambem, tambem me temeis?!

Laura enterneceu-se a ponto de lhe chegarem as lagrimas aos olhos, e o mancebo pegou-lhe na mão.

Não detalharei este interessante dialogo; basta saber-se que os dois jovens ficaram logo excessivamente apaixonados um do outro, porém um amor platónico reinava entre elles. Oh! como Laura amava o mancebo: ella que tinha em tamanha consideração as dignidades e a grandeza. E raro, com effeito, que nos romances favoritos das donzellas, os heroes são pelo menos filhos de paes; os personagens da classe baixa só ali são introduzidos para tomarem o ridiculo, para preencherem os papeis originaes, os papas toleirões, os irmãos escarnevados; enfim, a maior parte da humanidade, é ali apresentada sob o aspecto que convem á insignificancia trivial. Com estas noções, miss Laura não poderia achar um namorado; nem no mais amavel dos tecelões; a certeza de ser amada por um homem do qual os antepassados haviam gosado durante quatrocentos annos as honras hereditarias, a enchia de um prazer indefinivel.

Mas quaes eram essas honras? E quando ella interrogava o seu apaixonado sobre o seu nome e o seu titulo, este mudava de cor, mordida os beiços, mettia as mãos nas algibeiras, e respondia:

— Eu não vos posso dizer quem sou.

— Não!...

— Perdoae-me interessante Laura, um dia virá em que sabereis tudo.

Será talvez filho de um rei? pensava Laura consigo mesma. Enfim, ella apresentou o joven fidalgo a seu pae.

— Ah! disse o joven apertando a mão do procurador; ha muito tempo que vossa familia entrem relações com aquella que me pertence.

— Como? disse o homem da justiça; conhecemos?... Dizei-me quem sois, o vosso nome, eu vol-o supplico!

O amante pareceu perturbado; balbuciou apenas algumas desculpas; tinha n'este momento certas razões para conservar o incognito. O nosso desconhecido possuia um immenso nariz, um d'esses narizes verdadeiramente guerreiros, e tinha cara de quem havia morto em desafio o seu competidor.

— Ah! ah! disse o procurador piscando-lhe o olho, e abaixando a voz. Adivinho, senhor, matastel-o!... hein?...

— Ah! exclamou o nosso desconhecido; e batendo na testa com um gesto de phrenesi, saiu precipitadamente.

Continua.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação

SCENA IV.

MARGARIDA E JULIO.

MARGARIDA (apenas elles vão para sair, tem procurado entre as flores alguma coisa) — A perturbação de Adelaide de sobra me dizia as torturas em que estava aquella coração! Achei enfim... (encontra um bilhete que abre e lê) «Margarida: hoje ao anoitecer espero-te ao pé do caramanchão do jardim. Preciso fallar-te, e fallar-te sem testemunhas.»

JULIO (que se tem voltado e a observa) — Já lá vão... parecem caminhar como padentes para o supplicio. Creanças! Margarida, eis-nos finalmente sós.

MARGARIDA (gravemente) — Como se explica este bilhete?

JULIO — Encontrastel-o já?

MARGARIDA — Não esperava da sua lealdade... (tornando a pôr o bilhete no ramo).

JULIO — Que austeridade é essa, Margarida? Esqueceste acaso...

MARGARIDA — Não esqueço o amor, lembro o dever!

JULIO (tomando-lhe o braço e conduzindo-a ao banco) — Margarida, são tão curtos e fugitivos os momentos felizes em que nos encontramos sós!... Se algum amor te devo, peço-te que me não recuses essa entrevista.

MARGARIDA — Julio!

JULIO — Se os protestos affectuosos que me tens feito não são um engano atroz... concede-me este instante de ventura, que é o ceo da minha existencia.

MARGARIDA — Não me admira já que davide de mim, que tão depressa se esqueça que me deve...

JULIO — Ou é demasiadamente cruel, ou tem zombado excessivamente de mim.

MARGARIDA — Nem uma, nem outra coisa; só estou arrependida de o ter ouvido, de o ter amado... quizera não o ter visto!

JULIO — Acaso levará esse extremo ao ponto de me odiar?

MARGARIDA — Odial-o!... os homens comprehendem bem mal o nosso coração. Mesmo quebrando todas as relações, resta-nos sempre n'alma o vacuo d'esse amor, onde fica existindo o perfume do sentimento que o preencheu. Mas nunca o odio, nem o desprezo, nem o rancor, podem introduzir-se no coração da mulher quando ella amou sinceramente!

JULIO (tomando-lhe a mão que ella retira) — Oh! Margarida, repete essas palavras... Oh! diz... diz outra vez que me amas!

MARGARIDA — Demais o disse já.

JULIO (erguendo-se) — E' um sonho tudo isto? Labios que sabem dar tamanha ventura, não devem, não podem proferir uma sentença. Aceitas a entrevista?

MARGARIDA — Queres uma loucura? Não, Julio, não exijas de mim semelhante sacrificio. Olha... amo-te muito... tanto, que se me pedisses a vida, dar-t'a-hia, mas uma deslealdade... nunca!

JULIO — Mas se te venderam á fortuna de um homem que te não comprehende, e chega até a desprezar-te diante d'aquelles que te admiram?! E' felicidade a escravidão a que te sacrificaram? E fallam de dever! E o que e o dever senão a inspiração da alma, o sentimento puro que nos chama um ao outro?

MARGARIDA — E o mundo, Julio? E a vergonha? Queres que me exponha a que tu mesmo chegues a acreditar nas calumnias de que a sociedade é tão prodiga? Acredita-me, Julio, amo-te muito, mas este amor foi um erro, porque não posso despedaçar as cadéas que me prendem, e livre, dar-te depois todo o meu amor.

JULIO — Um indifferente acharia razoaveis essas considerações... eu estranho-as! Pequeno deve ser o amor que tão clara deixa a razão. Pois a paixão como ella é... como eu a sinto, pode lá nunca raciocinar?

MARGARIDA — Não sabes que me despedaças o coração?... Queres que me perca! Tremo de ceder... Preciso... devo fugir-te para me salvar! (sae precipitadamente pela porta que dá communicação á propriedade).

SCENA V.

JULIO, só, depois CESAR.

JULIO — Fugir... fuge de mim como se eu fosse um miseravel! Insensato! E tenho alma de accusar tamanho heroismo! Aquellas palavras restituiram-me a razão! Era uma deslealdade o que lhe propunha. Sei o que me cumpre fazer; serci digno d'ella e de mim. Sou eu que devo fugir d'ella e d'esse homem que tão pouco a comprehende e que tão mal a sabe apreciar.

CESAR (entrando esbafoado) — Ora muito obrigado, fizestel-a bonita... comprometteste-me com a rapariga á direita e á esquerda. Eu não te dizia que estiveses calado?...

JULIO — Então o que succedeu?

CESAR — Para a outra vez não te mettas com a minha vida, faz favor.

JULIO — Falla homem, diz o que succedeu.

CESAR — Deixa-me, tu é que tiveste a culpa... não me tornes a metter n'outra, percebes? Senão olha que não respondo por mim, temos desgosto serio.

JULIO — Oh! homem, parece que viste o demónio!

CESAR — Succedeu-me peor... muito peor! Eu bem disse que me ias arranjar algum comprometimento.

JULIO — Então o que foi?

CESAR — Apenas saio d'aqui, olho para a rapariga, e como te parece que a vi eu?

JULIO — A rit-se de ti, aposto?

CESAR — Enganas-te! Vejo-a com o lenço nos olhos, e eh! eh! eh! a chorar a bom chorar! Vés, fizeste chorar a rapariga... Se a encontram assim, que hão de dizer?

JULIO — Elle que chorou é porque lhe disseste alguma graça.

CESAR — Eu! Pois atreves-te... brincas ou fallas seriamente? Olha que não admitto essas chalagas. Afianço-te que não disse nada, ia caladinho como um peixe. Tu é que tiveste a culpa.

JULIO — Estás doído! Então eu é que a fiz chorar?!

CESAR — Sem motivo é que ella o não fazia.

JULIO — Foi do teu acanhamento, que ás vezes se torna em grosseria.

CESAR — Mau, mau... não me contes historias!

JULIO — Finalmente o que lhe disseste?

CESAR — Podia dizer-lhe muito... mas não lhe

disse nada! tu é que tiveste a culpa; mal tiphamos dado trinta passos...

JULIO — Escorregou-te um pé, e caíste!

CESAR — Antes isso; senti-me afflicto, não sei que susto se apoderou de mim, não tive animo de lhe fallar... e desatei a fugir!

JULIO — Pateta!

CESAR — Pateta!... queria ver-te na minha posição... Ella por ahí ficou.

JULIO — Quem, a tua posição?!

CESAR — Não, essa acabou apenas me achei só. Respirei à vontade! Agora não tenho cara de lhe apparecer. Vê o que tu fizeste; muito ridiculo lhe devei parecer agora.

JULIO — E não procuraste Adelaide para lhe dar uma desculpa qualquer?

CESAR — Se eu ainda estou não sei como... falla-lhe tu; anda ver se a encontramos, mas não me faças apparecer-lhe... em a lobrigando escondo-me logo atrás de uma arvore, e entendo-te lá à vontade.

JULIO — Tambem tens duvida em lhe fallar indo comigo?

CESAR — Não sei, estou comprometido, e não quero passar por inconveniente; falla-lhe tu, e eu apparecerei depois de me teres desculpado.

JULIO — Forte insipido!

CESAR — Insipido e desagradavel foi o divertimento que me quizeste dar. (*sae com Julio*).
Continua.

Os teus olhos.

Cegaram-me uns olhos meigos,
Uns olhos meigos que eu vi;
Uns olhos que me mataram;
Mataram-me, e não morri;
Que na morte que me deram,
Immenso prazer senti;
Que fallando-me em segredo,
Tudo tudo lhe entendi;
Que me apontaram mysterios,
Mysterios que traduzi.

Cegaram-me uns olhos meigos,
Uns olhos meigos que eu vi.

São uns olhos que revelam,
Segredos qu'alma contém;
Que fallam mais do que os labios,
Que nos não fingem desdem;
Que não mentem, mas não podem,
Guardar segredos que tem;
São olhos que tudo prendem,
Que me prenderam tambem;
Mas n'uma prisão tão doce,
Tão doce, que me convem;
São uns olhos que revelam,
Segredos qu'alma contém.

E esses olhos tão lindos,
Que me fizeram morrer,
Recordaram á minh'alma,
O seu antigo soffrer:
Vivo por elles, para elles,
Como posso eu já viver?
Supposto minh'alma é livre,
Meu corpo não pode ser;
Se ha prisões que o corpo prendem,
Não podem a alma prender;
E esses olhos tão lindos,
Que me fizeram morrer.

Não lhe pedi que me olhassem,
Quando os vi em mim fitar;
Tinha medo d'esses olhos,
Tinha medo de os olhar;
Que os raios qu'elles desprendem,
São uns raios de abrasar;
Tem o brilho das estrellas,
Tendo do sol o queimar;
São olhos que dão a vida;
Olhos que podem matar;
Não lhe pedi que me olhassem,
Quando os vi em mim fitar.

Donzella d'esses teus olhos,
E' mui poderoso o condão!
Fizeram saltar aos labios,

Faixas do coração!
Recordaram á minh'alma,
A sua antiga paixão;
Assaltando-me os sentidos,
Offuscaram-me a razão;
São um grilhão muito forte,
Mas adoro esse grilhão;
Donzella d'esses teus olhos,
E' mui poderoso o condão!

Bem sabes que n'esta vida,
Ha penas que dão prazer;
Ha magoas que trazem gosos,
Gosos, que fazem soffrer;
Ha mortes que trazem vidas,
Vidas que fazem morrer;
Ri-se o homem na desgraça,
Chora o homem no prazer!
Alternativas do mundo,
Que ninguem sabe entender!!
Bem sabes que n'esta vida,
Ha magoas que dão prazer.

Do bem o homem se afasta,
O mal ao homem seduz,
Temos Golgotha e Calvario,
Temos tambem nossa cruz:
Achamos no fel doçura,
Nas trevas buscamos luz;
Julgamos ser de bonança,
Má estrella que nos conduz;
Ha mysterios n'esta vida,
Que ninguem, ninguem traduz!
Do bem o homem se afasta,
O mal ao homem seduz.

Teus olhos são mar irado,
Onde a vida naufragou;
São o porto bonançoso
Aonde o nauta aportou;
São a luz do caminhante,
Que o caminho lhe apontou;
São evangelho dão crenças
A quem p'ra elles olhou;
São um tormento infinito,
A quem de olhal-os gostou;
Teus olhos são mar irado,
Onde a vida naufragou.

PINTO NEVES.

Sonetos.

Qualquer pode emprestar o seu dinheiro,
Mas conhecendo a quem — 'stá entendido —
Um chapeo, que custou preço subido,
Um bom capote — menos em Janeiro;

Emprestar o cavallo o cavalleiro
Pode a qualquer amigo, ou conhecido,
Pode a dama emprestar o seu vestido,
E a caixa do rapé o tabaqueiro;

Podem luvas tambem ser emprestadas;
Quem n'ellas escondem das mãos a pelle
Restitue-as, ou sujas ou lavadas;

Um relógio tambem a este e aquelle;
Mas são, como se diz, favas contadas:
— Quem um livro emprestou ficou sem elle.

Donzella de sympathico semblante,
Em lustroso papel assetinado,
Escreveu uma carta ao bem amado,
Rapaz, que, ou bom ou mau, era estudante:

Pintava-lhe a paixão mais devorante,
Que o coração lhe tinha incendiado,
E rematava o seu palavreado
Chamando seu *Cupido* ao seu amante;

Mas elle, que era amigo da risota,
Toleimas que a pequena lhe escrevia
Foi mostrar a um amigo, por chacota:

Este serio lhe diz: amor t'a envia;
Das asneiras que vês não faças nota,
Cupido não conhece orthographia.

A UM MAU BARBEIRO.

Ó barbeiro cruel, és um canalha,
Fazes soffrer no mundo o purgatorio;
Em tuas mãos caí, por ser simplorio,
E mil vezes gritei: — Jesus me valha!

Tua pesada mão feroz trabalha
Ao som de um tão nojento palavrório,
Que enjoa muito mais que um vomitorio,
E prolonga o martyrio da navalha!...

Em tuas mãos penei bons dez minutos,
E, lamentando o meu triste fadario,
Jurei fugir dos teus gadanhos brutos.

A toalha tornei triste sudario,
E co'os queixos do sangue mal enxutos
Do barbeiro sai p'ra o boticario.

A UM FORMIDAVEL GULOSO.

Podins, pasteis, empadas, marmelada,
Arroz doce, ovos molles, e comotas,
São petiscos aos quaes sempre te botas
Como lobo a uma ovelha desgarrada:

Tambem ao pão de ló dás avançada,
E nem comendo cem de farto arrotas;
De assucar tuas guélas são devotas,
E chupas de melação uma canada!

E's guloso temível e afamado,
E hão-de pôr-te na campa este letreiro
Feito em letras d'assucar mascavado:

«Aqui jaz um guloso verdadeiro,
«Que morreu de mil magoas traspassado
«Por não ter aprendido a confeitiro.»

NA SEPULTURA D'UM GATO.

Debaixo d'esta pedra fria e dura
Jaz um gato, amador de barbatanas,
Que a grandes e ferozes razananas
Deu na larga barriga sepultura...

Nenhum inda mostrou maior finura
P'ra d'um salto pilhar estas maganas,
Que, se entram em dispensa, são tyrannas,
E qualquer dar-lhes caça em vão procura.

Na morte d'este gato, pae de gatos,
Chora um triste, abastado merceiro,
Exultam de prazer damnhos ratos...

Mandou compôr seu dono este letreiro,
E na campa o *chimpanço*, sem apparatus,
No dia vinte e cinco de Janeiro.

O mundo é mentiroso, engana em tudo,
E' milagre encontrar a sã verdade;
E quem culto render a tal deidade
De muitos ouvirá: «este é pelludo!»

Por isso diz o tolo: — eu tenho estudo;
Alardeia jejuns o gordo frade,
Apregoa o ladrão moralidade,
Aponta vil fidalgo o nobre escudo;

O militar poltrão audacia arrota,
Diz que tem rectidão juiz venal,
Diz que o sizo lhe sobra um bom janota;

Porém tanto mentir não levo a mal;
Porque, sendo um dos taes que Apollo enxota,
Chamo a isto soneto — e não é tal.

J. I. D'ARAÚJO.